

A Beleza da Beleza

À Pala de Walsh + Germinal Art + White Noise
Edifício Guilherme Cossoul
25.03.2016, 15h00

Bi no Bi (Beleza da Beleza, Kijû Yoshida, 1974 -77)

As palavras faltam quando falamos desta aventura filosófica e sensitiva, rodada para televisão (mas que faz das limitações técnicas uma lição ascética), do analítico mas apaixonado Kijû Yoshida. Esta série vastíssima (com cerca de noventa episódios, sendo que nesta mostra são apresentados quatorze) foi o resultado de um exílio do cinema feito pelo cineasta e que durou cerca de treze anos. Depois de terminar a sua trilogia política com *Kaigenrei (Coup D'État, 1973)*, *Bi no Bi (Beleza da Beleza)* parecia ser a maneira ideal do realizador descansar do seu esgotamento físico e psicológico, provocado em grande parte pela exigência técnica do seu cinema, substituindo a arte dos planos oblíquos e da sofisticação narrativa pelo mundo onírico da pintura. Parafraseando Mathieu Capel, esta série de pequenos documentários está marcada por uma repetição radical da estrutura, bem como a adopção de um tom monocórdico figurado em longas narrações e pensamentos do próprio Yoshida, presença fantasmagórica que deixa os quadros "olharem de volta para nós". De entre muitas revelações e epifanias que podemos levar daqui, uma delas diz respeito à descoberta do poder condutor e onisciente da câmara, já que quase sempre nos sentimos em unidade mística com as telas, criando um sentimento arrebatador de embriaguez, ora perdidos nas deambulações oculares de mundos dentro do mundo, ora mergulhando nos close-ups de pormenores dos quadros que induzem a uma claustrofobia fascinante de onde não queremos sair. Um dos factores decisivos para isto se tornar ainda mais mágico e estonteante é a trilha sonora de Toshi Ichiyangi com composições temáticas e atmosféricas para cada pintor - uma espécie de cruzamento entre sons extáticos e melodias oníricas (outras parecendo sair de um pesadelo doce), sublinhando ainda mais a componente de "outro mundo" de toda a experiência estética.

Cézanne, o Olhar de um Solitário (2 episódios): A obra de Cézanne é descrita como a produção de um solitário que, a cada traço, retirava aos sujeitos pintados a gravidade dos seus sentimentos, agora vistos e tomados em consideração como qualquer objecto ou natureza-morta (veja-se a *La Femme à la cafetière (1890-1895)* como exemplo). Para Cézanne, a pintura é um caso único de "forma e cor" - nada mais, nada menos. Yoshida, para além de mostrar as telas acompanhadas pelos locais reais que o pintor observara, descreve-nos o perfil analítico, mas misantropo deste homem que conduziu a pintura a uma expressão lógica pura, abrindo o caminho para uma concepção onde as imagens pintadas não seriam mais as cópias de uma realidade natural, extrínseca a elas, mas sim uma criação inteiramente nova: uma outra realidade autónoma. O confronto com as pinturas, a precisão, por exemplo, de *Les joueurs de cartes (1892-1895)* representa uma profunda revelação. O pintor solitário que anula o olhar do outro em contraponto a uma visão saturada de neutralidade.

Delacroix ou o Paradoxo do Romantismo (2 episódios): Yoshida propõe estabelecer as ligações complexas entre classicismo e romantismo, esclarecendo ambos os conceitos através de análises pessoais de telas, auxiliando-se de Baudelaire e do seu conceito complexo de *dandysme*, para ilustrar a obra deste pintor nascido entre duas épocas. De entre as suas telas, é destacada *La Mort de Sardanapale (1827)* como aquela que expressa melhor a imensa "beleza irracional e ébria" da estética que suscita no espectador, não um sentido descritivo, um "ver o

visto”, mas a convocação para o imaginário irromper através das camadas de tinta. Citado por Yoshida, Baudelaire dizia de Delacroix: *O céu pertence-lhe como o inferno, como a guerra, como o Olimpo, como a volúpia. É um dos raros escolhidos e a extensão do seu espírito compreende a religião em toda a sua totalidade. Tudo aquilo que há de dor na paixão, o apaixona; tudo aquilo que há de esplendor na Igreja, o ilumina.*

Goya, O Mágico de Espanha (3 episódios): Sendo o último dos antigos e o primeiro dos modernos, Goya não será fácil de categorizar. Chegamos, então, a um ponto onde a intensidade (e a paixão) de Yoshida pelas suas escolhas culmina numa análise complexa ao pintor madrileno, passando pelas suas obras de corte (sorumbáticas telas de aristocratas vindos de "castelos de cartas"), o erotismo mundano de *La Maja Nua* (1797-1800) (dar ao corpo feminino aquilo que é do corpo feminino), e a sua fase enigmática das pinturas negras. Esta última fase é apresentada num episódio final organizado em espiral claustrofóbica, com pesadelos seguidos de pesadelos e desembocando numa tela surpreendente que, segundo Yoshida resume a obra de Goya, *El Entierro de la Sardina* (1812-1819): *É uma festa religiosa, alegre em aparência, mas onde perpassa qualquer coisa de sinistro. Depois do Carnaval, chega um período de abstinência que, uma vez acabado, abre lugar para o desejo que se instala em cada um, em função da abstinência que se praticou. O desejo, sendo inevitável no homem, torna necessária a abstinência. Quanto mais austera for a abstinência, mais o desejo se refinará. Podemos dizer que, sem jamais meter em causa esse paradoxo, transpondo-o num círculo infinito de desejo e controlo de prazer, Goya pôde tornar-se Goya.*

Van Gogh (4 episódios): Sem qualquer provocação, poderíamos considerar este bloco de episódios como o filme sobre Van Gogh que Yoshida nunca realizou. Todos os relatos envolvem uma aura de luto e admiração, quer ela esteja presente na nossa projecção da vida pobre, mendigante e solitária do pintor, quer esteja figurada nas suas telas, ou nas reconstituições biográficas que não prescindem de uma certa construção ficcional (a amizade, o paralelo e as dissidências com Gauguin, a irmandade espiritual com Théo, etc.). Nesta incursão entristecida, a câmara está mais liberta, mais apta para construir personagens e desenvolver tensão narrativa, muitas vezes tentando replicar o olhar lucidamente enfermo do pintor. Algumas telas, como *Terrasse du Café le Soir* (1888), musicadas por Toshi Ichiyanagi, são intensos mergulhos num mundo transfigurado.

Bosch, O pintor do Fantástico (3 episódios): Não é por acaso que podemos entender melhor este pintor do fantástico quando nos rendemos, de alma aberta, ao seu mundo virado do avesso, onde inevitavelmente, nos perdemos. Os seus trípticos, muito mais do que representações do lado negro do maniqueísmo (paraíso à esquerda, mundo terreno no centro e inferno à direita) são aberturas em ferida do inconsciente e dos medos profundos que carregamos. De delírio em delírio, as observações de Yoshida - apelidando Bosch de herege, na esteira de Wilhelm Fraenger - provêm da contradição entre representação religiosa e algo que a transcende por excesso, desafiando o olho a ver-se nos seus pesadelos febris sem, no entanto, retirar lições morais. A música de Ichiyanagi atinge o limite do pavor, sendo o complemento ideal para os infernos do pintor, mas também para os seus sonhos de reinos milenares figurados no enigmático e impressionante *The Garden of Earthly Delights* (1503-1515), onde se esboça a possibilidade da humanidade finalmente superar a queda fatalista do pecado original.